

MUITO ALÉM DAS PALAVRAS: A LEITURA LITERÁRIA DENTRO E FORA DOS MUROS ESCOLARES.

Betânia Fernandes Ramos¹

Prof.^a Esp. Deyse Souza Alves (Orientadora)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de valorizar a leitura de textos literários para estudantes do ensino fundamental, focando no sexto ano, e aborda os vários aspectos de como realizar a leitura literária em sala de aula. Enfatizamos que o professor é o guia de todo esse processo no decorrer da vida escolar dos estudantes e que o acesso à literatura é, como dizia Cândido (1995) um direito que deve ser assegurado para todos os cidadãos. Para desenvolvermos nosso trabalho, utilizamos como aporte teórico, Alves (2021), Candido (1995), Kramer e Jobim (1996), Lajolo (2004), Paulino (2017), Brasil (1998), Soares (2004), Zilberman (1994). Nossa metodologia utilizou a revisão bibliográfica e a pedagogia de projetos, por meio de uma sugestão didática baseada em Cosson (2006). Em nossa proposta, abordamos a leitura literária a partir da obra “O último broto”, de Rogério Gomes. Trata-se de uma narrativa visual, relacionada ao meio ambiente. Nesse viés, contamos com o apoio de Guimarães (2005), trazendo considerações acerca da importância de se trabalhar as questões ambientais em sala de aula. Salientamos que a leitura não deve ser um fardo ou uma imposição, não existe uma receita para que os professores possam seguir, é necessário conhecer os discentes, suas realidades, seus gostos e, a partir de então, trabalhar com metodologias que os atendam. A partir disso, compete ao docente buscar temas que possam ser atrelados às vivências estudantis, que possam ser discutidos com suas comunidades, que realmente acrescentem à vida dos alunos como cidadãos.

Palavras-chave: Leitura literária. Letramento literário. Direito à literatura.

ABSTRACT

This research was conducted with the purpose of valuing the reading of literary texts for elementary school students, focusing on the sixth year, and addresses the various aspects of how to implement literary reading in the classroom. It is important to emphasize that the teacher is the guide of this entire process throughout the students' school life, and that access to literature is, according to Cândia (1995), a right that must be ensured for all citizens. In order to develop our work, we used as theoretical support, Alves (2021), Candido (1995), Kramer and Jobim (1996), Lajolo (2004), Paulino (2017), Brazil (1998), Soares (2004), Zilberman (1994). Our methodology used literature review and project pedagogy, through a didactic suggestion based on Cosson (2006). In our proposal, we approach the literary reading of the work “O último broto”, by Rogério Gomes. It is a visual narrative, related to the environment. In this perspective, we have the support of Guimarães (2005), bringing considerations about the importance of working with environmental issues in the classroom. We emphasize that reading should not be a burden or an imposition, there is no recipe for teachers to follow, it is necessary to know the students, their realities, their tastes and, from then on, work with methodologies that meet them. Based on these considerations, it is up to the teacher to seek topics that can be

¹ Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo-M. G. E-mail: betaniaf2018@gmail.com

linked to students' experiences, that can be discussed with their communities, that really add to the lives of students as citizens.

Keywords: Literary reading. Literary literacy. Right to literature.

1 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa busca desfazer o pensamento de que a leitura literária é algo penoso e sem utilidade. Isso porque ela faz parte da vida das pessoas, acompanhando-as desde seu nascimento até seus últimos instantes. Nessa perspectiva, pensamos que a literatura não é apenas uma disciplina que precisa ser cumprida para preencher notas no boletim escolar e atender aos comandos dos superiores dentro das instituições educacionais. Concordamos com Lajolo (2004), quando ela diz que “O cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos” (LAJOLO, 2004, p.106). Ou seja, o letramento por meio da leitura literária é fundamental para se criar uma visão e compreensão geral da sociedade, tanto para os futuros candidatos a escritores, quanto para cidadãos comuns.

Verifica-se, então, que é preciso levar a leitura do texto literário mais a sério e começar a instigar os alunos em sala de aula. É chegada a hora de reinventar, buscar novas metodologias, fazer com que o professor seja de fato o mediador que guia os estudantes para alcançar o sucesso. Esse processo recebe contribuição da leitura literária, a qual é formada por partes distintas e que, juntas, formam uma obra de arte. O desafio é juntar todas as partículas, textos, imagens, alunos, professores, instituições, entre outros para que fiquem harmoniosos e juntos possam caminhar lado a lado.

2 OBJETIVO GERAL

Nosso objetivo é desenvolver a valorização da leitura literária, a partir do desenvolvimento de um trabalho com narrativa visual em sala de aula.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando lemos acerca do cenário da educação no Brasil até meados do século XX, vemos que durante muito tempo somente a elite da sociedade tinha acesso aos estudos, especialmente os filhos, homens. Nessa época, as mulheres eram ensinadas e preparadas para um casamento promissor. Entretanto, o mundo está em constante evolução e vieram as revoluções. Em cada momento da história tivemos pessoas que lutaram por ideais que

transformaram gerações, o que reflete na atualidade. Com a globalização, informações nos chegam a todo instante, um fato ocorrido no Japão, por exemplo, chega para outros vários países simultaneamente, em questão de segundos. Com a educação não é diferente. Ela também está em constante evolução. Nesse sentido, Alves (2021) descreve o Período Republicano em relação a evolução escolar, vejamos:

No início do período republicano, a educação sofreria forte influência da “Escola Nova”, movimento surgido na Europa e que depositava na educação o caminho para a resolução dos problemas sociais. O crescimento urbano e industrial nas primeiras décadas do século XX interferiu na criação de um modelo educacional que atendesse às necessidades do mercado socioeconômico.

Para os adeptos da Escola Nova, as reformas educacionais deveriam ser orientadas com base em uma educação capaz de formar profissionais habilitados a trabalhar nos diversos setores da sociedade.

Outra inovação nesse período foi à criação de um sistema de ensino seriado, agora os alunos seriam agrupados em turmas de acordo com a idade. No governo de Getúlio Vargas a educação ganha maior destaque, a escola deve ser utilizada como mediadora dos conflitos sociais contribuindo para a criação de novos saberes que sejam capazes de desenvolver o homem com um ser crítico e pensante. Em 1930, foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. (ALVES, 2021)²

Nesse viés, Cândido (1988, p. 169) afirma que, “com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria”, em conformidade com o autor, enquanto uns têm acesso aos melhores colégios, tendo ao seu alcance uma educação inovadora e as tecnologias presentes no dia a dia dos alunos, na outra ponta educacional temos instituições educacionais que não conseguem oferecer o básico: carteiras, quadro, uma merenda descente, transporte escolar adequado, alunos percorrem grandes distâncias para chegarem a escola, isso se deve à grande diferença social existente na sociedade. Entendemos que a educação é um direito de todos, visto que esse é, inclusive no Brasil, um dispositivo constitucional. Nesse viés, precisamos compreender que o adquirir de saberes está ligado diretamente aos direitos humanos, já que o acesso à sala de aula e aos seus benefícios não pode estar atrelado ao poder aquisitivo, pois, assim como existem bens materiais que são assegurados aos cidadãos, a educação e o acesso a ela é direito universal de todos, independentemente de sua classe social, cor e crença. Nesse sentido, Cândido (1998) afirma que:

² Fonte: ALVES, Lorena Castro. **A história da educação no Brasil**. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historia-da-educacao-no-brasil/>. Acesso em: 14 out. 2021.

Certos bens são obviamente incompreensíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compreensíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. (CÂNDIDO, 1998, p. 173)

Podemos entender que todos têm direito à educação, acesso aos livros, meios tecnológicos, os quais são indispensáveis para que o aluno seja protagonista e tenha as ferramentas necessárias para construir seu aprendizado de forma efetiva, a longo prazo. Nesse contexto, o acesso à leitura traz informações e com elas cidadãos pensantes e com criticidade sobre inúmeros assuntos que, muitas vezes, não são convenientes para a camada mais abastada da sociedade, a qual está acostumada a comandar e, para isso, conta, em algumas ocasiões, com a ignorância da maioria do restante da população. Cândido (1988) deixa claro que os direitos incompreensíveis vão além de comida, roupas entre outros, pois neles estão incluídas a arte e a literatura. Segundo esse autor, é mais fácil julgar que o outro não tem as mesmas necessidades que você, justificando que o conforto dele provavelmente seria considerado um luxo. Cândido (1988) sustenta ainda que é difícil conceber que o outro possa usufruir de luxos aos quais até então somente a classe dominante socialmente tinha acesso.

Ao pensarmos sobre essas considerações, vemos que a educação está atrelada à literatura, a qual há poucos anos era privilégio de uns poucos membros da sociedade e agora tramita entre todos os povos. Segundo Cândido (1988, p. 169), “vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.” Tudo a nossa volta nos conta uma história, os excluídos socialmente, hoje, têm sua manifestação cultural e histórica que foram passadas de geração a geração e atualmente é trabalhada e valorizada dentro das escolas. Ali todos deveriam ter seu lugar de fala e deveriam ser ouvidos e respeitados como cidadãos que fizeram e fazem parte da construção da humanidade. Assim, quando falamos em literatura, falamos de tudo que é possível transmitir uma mensagem, ela concebe a interpretação, a compreensão e assim possibilita que pessoas possam circular por vários ambientes podendo falar e entender todos os significados das palavras usadas em conjunto, ora por textos escritos, ora por conversas. Para que isso ocorra, é necessário que todos tenham acesso a uma educação eficiente e igualitária.

Quando falamos de leitura literária não podemos percebê-la apenas como o que está escrito ou um amontoado de letras. Neste trabalho queremos chamar a atenção para uma leitura capaz de transformar o cidadão, que ele seja capaz de decifrar a mensagem que o autor que transmitir com sua obra, ler é uma força que gera vidas pensantes capaz de criar leitores racionais com o

poder de construir uma nova história. Por intermédio das páginas de um livro podemos viajar, o livro é uma máquina do tempo, passado presente e futuro, nele podemos conhecer vários lugares, estando, por exemplo, sentados no quintal de casa. Ao ler, criamos mundos inimagináveis, soltamos a criatividade, uma personagem pode ter várias faces, isso dependerá do seu leitor, da sua imaginação. O narrador de uma história também poderá descrever cada detalhe e o cenário vai sendo desenhado e construído aos poucos como uma obra arquitetônica. Com a leitura aprendemos sobre a escrita das palavras e que mesmo as aparentemente iguais podem ter sentidos diferentes dependendo do contexto em que estão inseridas.

Dessa forma, não é por imposição que estimularemos a leitura de nossos jovens, devemos instigá-los, mostrando os benefícios que ela traz, o exemplo é o melhor caminho para iniciarmos uma volta ao mundo por meio das palavras dos escritores.

Sobre isso, Cândido (1988) faz comparativos entre os direitos humanos e a literatura, vejamos:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.

Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CÂNDIDO,1988, p. 186)

Segundo o autor, a literatura traz sabedoria aos homens e isso faz com que eles efetivamente façam parte de um todo, sejam capazes de fazer escolhas que os edifiquem como personas, desfazendo de algemas, para sair da escuridão das cavernas. Acreditamos que é preciso mais que isso: é urgentemente necessário matar a fome do homem não só de comida, mas também de conhecimento.

Sendo assim, a cultura deve ser acessível a todos os cidadãos, o teatro, o cinema, as óperas, os musicais, o ballet, entre tantas outras manifestações culturais consideradas de gosto erudito não devem ser restritas apenas a uma pequena parte da sociedade, devemos oportunizá-las a todos. A literatura literária está presente em cada palavra, figura, manifestação artística e ela não pode ser dividida por classes e interesses, pois mais uma vez Cândido (1988, p.191), diz: “a distinção entre cultura popular e erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua.” Na contemporaneidade, não podemos permitir nenhum tipo de segregação, a luta é por união de povos, garantindo respeito entre eles.

Decerto, a literatura literária deve ser introduzida no ambiente escolar desde os primeiros anos letivos de nossas crianças. Nesse caso, ela será trabalhada com alunos que estão iniciando seus estudos, desde a educação infantil. Lembramos que essa prática não deve ser isolada, pois ela não se limita apenas às disciplinas de linguagens, é preciso demonstrar aos alunos que ela faz parte do seu cotidiano. Kramer e Jobim (1996) enfatizam:

[...] muitos são os depoimentos que registram o abandono da prática de leitura e de escrita pelos alunos por vários motivos por elas destacados: livros obrigatórios e únicos para toda a turma; conhecimento de livros e autores, em detrimento do prazer e do gosto; exercícios de interpretação que buscam um único sentido, dado pelo autor; provas e tarefas específicas, voltadas mais para o conhecimento sobre os livros do que para a experiência de leitura propriamente dita; escolha de livros pautada em critérios pedagógicos que norteiam o exemplar certo para a idade certa (KRAMER e JOBIM, 1996, p. 37).

Partindo dessa premissa, podemos entender que cada aprendiz é único, o que nos leva à percepção de que um não terá os mesmos gostos para leitura que o outro. Assim, o ideal seria primeiro conhecê-los para depois escolher quais obras e autores deveriam ser trabalhados, sem deixar de lado os critérios que norteiam tais escolhas. Contudo, essa ainda é uma questão de difícil alcance, já que o docente tem critérios de seleção pré-estabelecidos.

Ademais, a leitura tem sido uma ferramenta utilizada em sala de aula de forma errônea, uma vez que ela tem aparecido como uma atividade obrigatória e avaliativa. Nesse contexto, ler torna-se entediante e nada estimulante. As obras não são escolhidas por afinidade com as vivências dos leitores, e sim como cumpridor de currículos escolares. Nesse contexto, muitos professores lançam mão de obras que poderiam ser inseridas dentro da vida social dos aprendizes por meio de comparação, no entanto eles simplesmente preferem usar de perguntas ultrapassadas para trabalhar, como, por exemplo, “o que o autor quis dizer com sua obra?” Ao invés de, “na sua opinião, na sua comunidade isso poderia ocorrer? Como aconteceria? Já vivenciou algo semelhante com o que o autor nos transmitiu em sua obra?” É necessário trazer a arte para dentro da realidade e não o contrário. Nesse viés, (ZILBERMAN, 1994, p.19) afirma que, “inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo.” Ressaltamos sobre isso que a escola deve adaptar-se ao discente e não ele a ela, sendo esse o personagem principal de todo processo ensino/aprendizagem.

A leitura literária é muito mais que ler sequências de palavras, ela está diretamente ligada ao aprendizado, é uma ferramenta fundamental para a alfabetização, porque através delas

entendemos mensagens verbais e não verbais. Nesse sentido, Soares (2004, p. 72) afirma, “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e com essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” e esse deve ser o ponto chave para introduzi-la ao cotidiano dos alunos, entendendo que tudo a sua volta pode ser decifrado, compreendido, e esse é o facilitador para um futuro de sucesso. Tal questão já era pontuada nos PCNs, segundo os quais “precisar fazê-lo achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência.” (BRASIL, 1998, p.17). Nessa visão, o professor dinâmico pode lançar mão de um título tanto para o público infantil, como para o juvenil e adultos. Nesse sentido, Couto (2008), grifa sobre suas obras:

Não sei se alguém pode fazer livros “para” crianças. Na verdade, ninguém se apresenta como fazedor de livros “para” adultos. O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. E lidar o idioma como se ele estivesse em fase de construção, do mesmo modo que uma criança converte o mundo inteiro num brinquedo. (COUTO, 2008, p. 5)

Seguindo essa perspectiva, o livro visual, ferramenta de trabalho do projeto que será apresentado adiante, pode ser trabalhado em faixas etárias diferentes, o que traz as amplas visões de cada leitor. Em nosso caso, o livro “O Último Broto”, de Rogério Borges, vem para evidenciar as palavras de Couto. Por se tratar de um livro não verbal, o autor deixa seu leitor traçar um caminho afetivo, sonhador, teórico, jornalístico, etc. Trabalhando-o em sala de aula, os alunos poderão, juntos, complementar as falas uns dos outros, equiparando-se a uma sinfonia

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa de revisão bibliográfica e da pedagogia de projetos. A partir das considerações apresentadas anteriormente, daremos a sugestão de uma proposta de trabalho em sala de aula com a narrativa visual “O último broto”.

DESENVOLVIMENTO

Título: Um novo olhar: Homem x Natureza.

Ano: 6º ano do ensino fundamental.

Disciplinas: Português, Ciências, Geografia, Artes.

Material: Livros, slides, notebook e celulares ligados à internet, revistas, jornais, entre outros.

Introdução:

Este projeto foi desenvolvido para que professores e alunos possam compreender que todos os meios de leitura literária são importantes e fazem parte do cotidiano. Cosson (2006, p.54) afirma que “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”, e de fato trabalhar com um livro que conta uma história que não está distante da realidade dos estudantes os aproxima da obra. Nesse viés, Cosson (2006, p.55), salienta, “nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler”. O homem e a natureza são a extensão um do outro e devemos trabalhar com nossos discentes a importância de cuidar do ambiente em que estamos inseridos. Guimarães (2005, p.12), descreve meio ambiente como “unidade que precisa ser compreendida inteira, e é através de um conhecimento interdisciplinar que poderemos assimilar plenamente o equilíbrio dinâmico do ambiente”. Nesse sentido, as crianças em processo de aprendizado precisam estar em contato com os problemas os quais o meio ambiente vem enfrentando para que possam se tornar cidadãos críticos e aptos a tomar decisões sobre como melhor lidar com as adversidades ambientais.

É preciso ir além da leitura, motivar o indivíduo, guiá-lo para o próximo passo, criar novos sentidos, Cosson (2006, p. 56) menciona, “é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor” fazer um breve comentário sobre a obra não apaga a mensagem transmitida e tão pouco tira dos discentes o desejo de conhecê-la.

Quando vamos apresentar um livro para a sala de aula é preciso falar sobre o autor e a ideia que a capa da obra nos transmite. Sobre isso, Cosson (2006, p. 60) explica que “a biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto.” É de suma importância, então, familiarizar o autor com os estudantes, essas informações enriquecem o conhecimento. Ademais

a apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. Nesse caso, o professor realiza coletivamente uma leitura do livro. (COSSON, 2006, p.60)

Desse modo, o papel do professor é guiar a leitura escolar, valorizando o indivíduo e suas vivências, aproximando o leitor da leitura, trabalhando detalhes desde autor, capa e a exploração todo o livro, até chegar o momento de incentivar a construção e a reinvenção de novos textos, verbais e não verbais.

Objetivo geral:

Estabelecer relação entre aluno e meio ambiente, buscando um novo olhar sobre sua conexão com a natureza.

Desenvolvimento:

Primeiro momento: (1h/a)

Propor uma conversa com a turma sobre meio ambiente e perguntar o que eles entendem sobre o tema, se na comunidade tem áreas verdes, como os familiares e vizinhos cuidam desse verde (caso tenha), se já presenciaram a poda ou corte de árvores e se já observaram como elas reagem depois desse processo.

Fora da sua comunidade, através da televisão, internet, jornais, revistas e/ou outros meios de comunicação, indagar sobre quais notícias chegam até eles acerca do meio ambiente, se já ouviram falar na Floresta Amazônica e da sua importância para os seres vivos.

Pedir aos estudantes que façam uma breve pesquisa sobre meio ambiente, desmatamento, queimadas, e sobre como isso impacta no clima e na vida das pessoas.

Segundo momento: (2h/a)

Depois das pesquisas feitas, promover um bate-papo e uma observação mais detalhada na comunidade de como a natureza tem sido tratada, lançar um novo olhar sobre o tema. Essa será a introdução para iniciarmos a obra de Rogério Borges.

Apresentar o livro a ser trabalhado: “O Último Broto”. Fazer a leitura de toda a obra, à medida que forem apresentadas as páginas, os alunos vão descrevendo o que acham que o autor objetivou transmitir com suas ilustrações, respeitando as opiniões de cada discente.

Nesse momento o professor poderá nortear essa “leitura” com algumas perguntas, por exemplo: do que vocês acham que se trata o livro, observando a ilustração da capa? Vocês acham que o lenhador é bonzinho? Por quê? O título da obra tem alguma relação com a ilustração? E assim poderá ser conduzida toda a leitura, primeiro os discentes darão suas opiniões e se ficar algum detalhe de que o professor perceba que passou despercebido, complementar com perguntas guias.

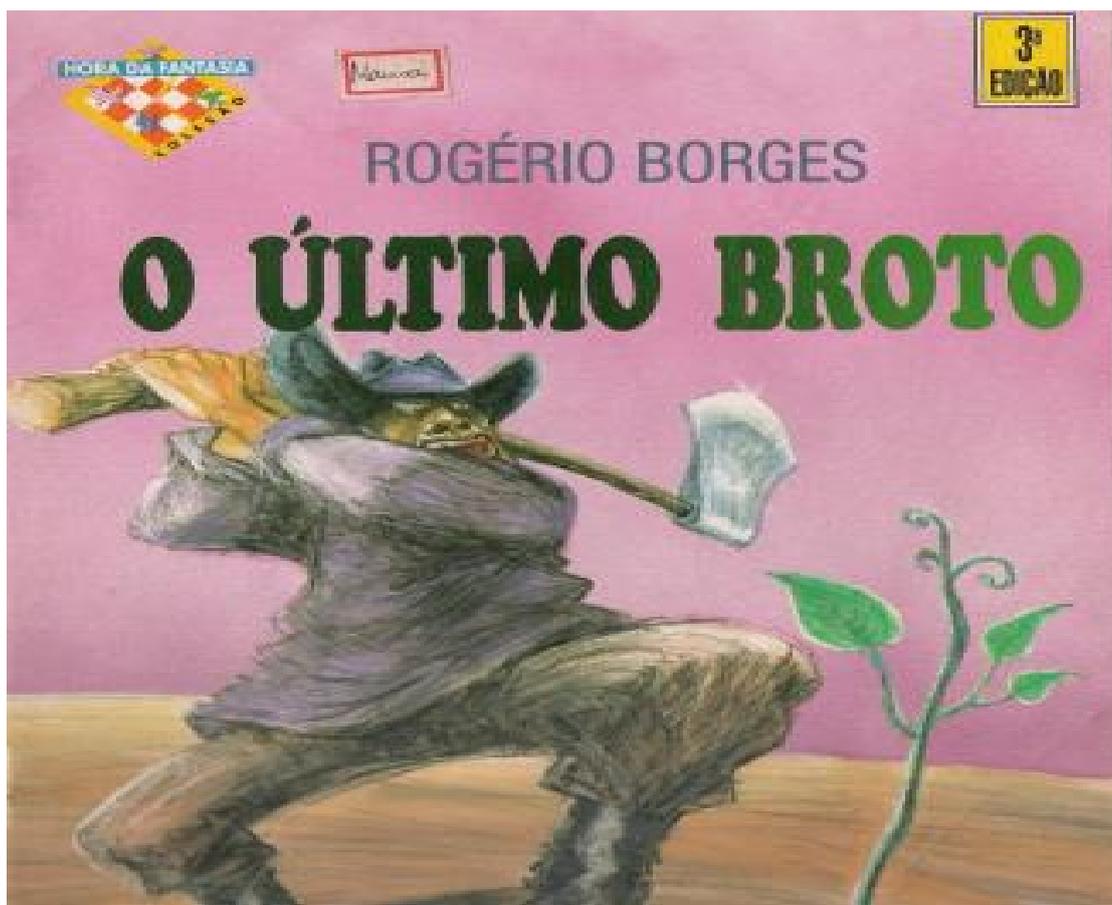


Imagem 1- Capa do livro “O último broto”



Imagem 2- Última página do livro “O último broto”

Terceiro momento: (2h/a)

Dividir a sala em grupos de 4 a 5 alunos, como o professor achar mais apropriado. Cada grupo deverá fazer uma releitura do livro de Rogério Borges, poderão ser feitas histórias em quadrinhos, sequências fotográficas, fazer um filme, montagem com recortes, um texto escrito, ilustração, um novo livro ilustrado. Poderá ser feita também uma nova versão de como a natureza é bem cuidada, poderá fazer uma versão ambientada em seu bairro, enfim, o docente guiará seu alunado para criar novas propostas sobre o tema trabalhado.

Quarto momento: (2h/a)

Depois que todos tenham terminado seus projetos é chegado o momento de apresentar o resultado aos seus colegas, convidar professores e alguns membros da escola para apreciar a apresentação. Será estipulado o tempo de apresentação para cada equipe.

Quinto momento: (1h/a)

Os trabalhos serão expostos no mural e redes sociais da escola e será criado um blog para publicação, no qual serão reunidas as publicações de todas as turmas que fizeram parte do projeto.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com sua participação e frequência nas aulas de desenvolvimento do projeto.

Cronograma:

Para a execução desta proposta serão destinadas 9h/a, as quais acontecerão uma vez por semana, ao longo de um mês de aula.

Referências:

BORGES, Rogerio. **O último broto**. 4. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

COSSON, Rildo. Letramento literário, teoria e prática / Rildo Cosson – São Paulo: Contexto, 2006.

GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os aspectos aqui mencionados, enfatizamos que a leitura literária é um direito que deve fazer parte da vida de todas as pessoas e precisa ser ofertada desde os anos iniciais escolares, instigando o aluno a ter um olhar crítico a tudo que se passa em sua volta, fazendo-o perceber que esse aspecto não é somente uma vertente usada no âmbito escolar. Graça Paulino (2017, p.25) afirma que o “letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Assim, acreditamos que a leitura e o aprendizado não estão limitados somente aos estudantes, porque eles caminham com as pessoas por toda sua trajetória, uma vez que nunca paramos de aprender.

Destacamos ainda a necessidade de incentivar e acreditar na capacidade criativa do alunado dentro da sala de aula. Dessa forma, devemos entrar nesse espaço acreditando que eles são capazes de produzir grandes obras, pois são o reflexo não somente da sua bagagem teórica, mas também refletem o trabalho realizado por todos os educadores que compartilharam de suas histórias.

Por fim, ressaltamos que liberdade é a palavra que deve reger todo o processo criativo, toda a construção educacional e literária, de modo a valorizar o aluno como ser humano, deixando bem claro que ele é o protagonista e que tudo que está sendo feito é a seu favor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lorena Castro. **A história da educação no brasil**. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historia-da-educacao-no-brasil/>. Acesso em: 14 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos**. 3 ed. Brasília: A secretaria, 1998.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: __. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário, teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTO, Mia (2008). “Livro infantil”. In: __. **O gato e o escuro**. São Paulo: Companhia das letrinhas.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

KRAMER, Sônia; JOBIM, Solange (org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo (Org.). **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Rio de Janeiro: Bonecker; Dialogarts, 2017, p. 25.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 8 ed. São Paulo: Global, 1994.